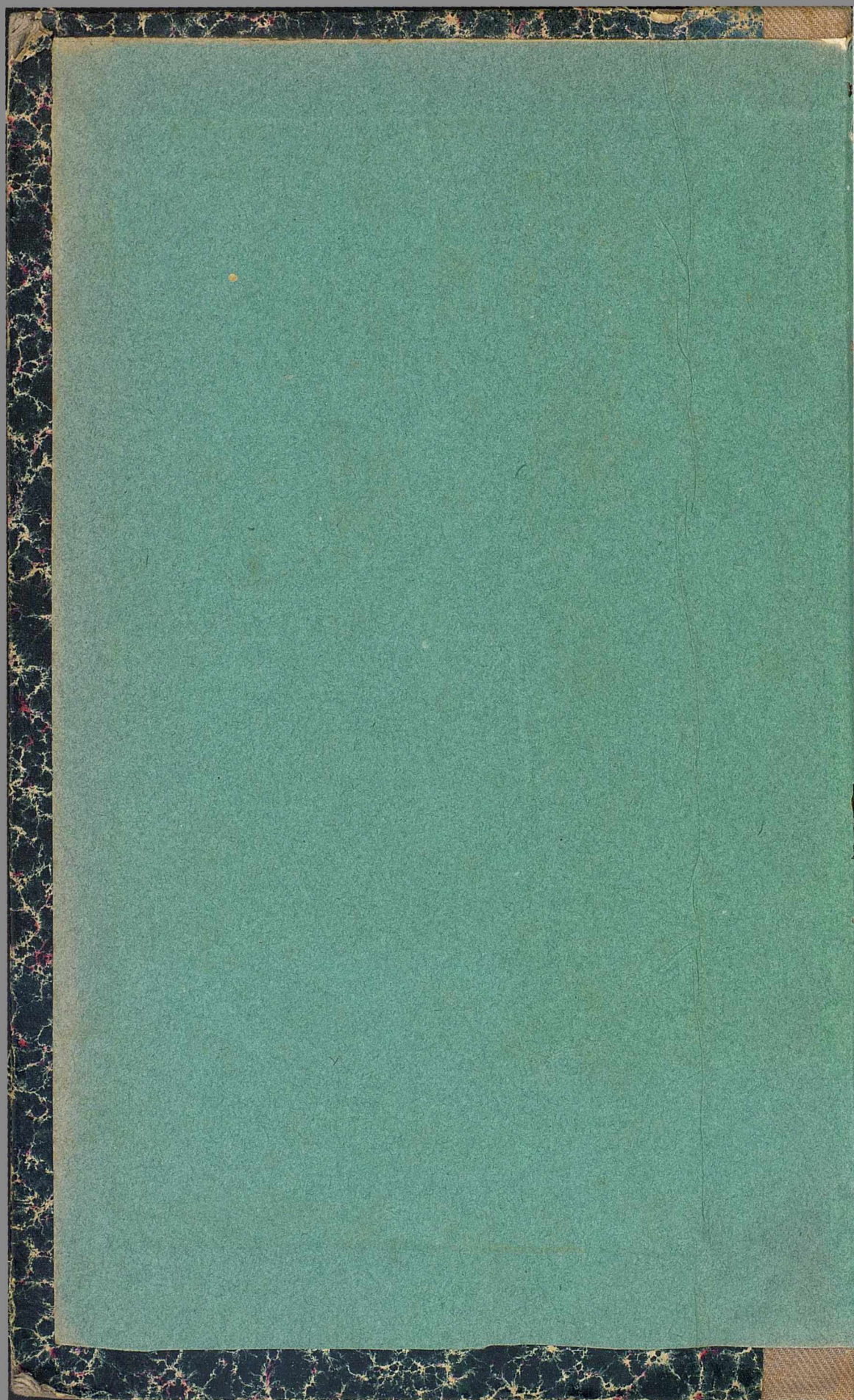
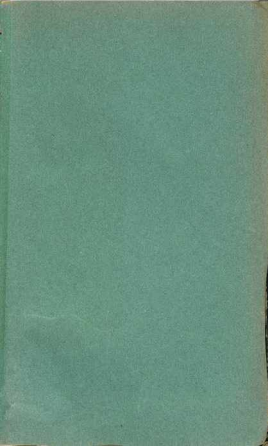


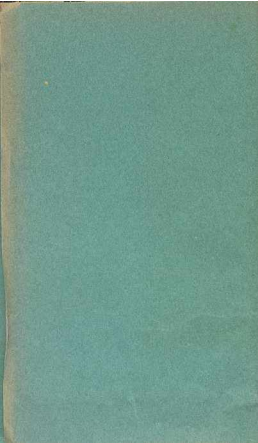
FORA

LINEA

183
1892







B
6.809

CARTA
A SEU MESTRE

No: 6.123

2
1080

A7883

ENTER 1080

CARTA A SEU MESTRE

A. M.

Das margens do Xarrama, não frondoso,
A's amenas do Liz encantadoras,
Um insano cultor de patrias letras
Ao grande mestre envia uma saudade.

Não medra bem aqui a poesia:
Nem trillos d'aves, nem aromas gratos,
Nem vastos arvoredos repintalgam
O solo ingrato, sem verduras, torrido,
Como na Lybia os arenosos plainos.
Crocita apenas o agoureiro corvo,
Ou glotera a cegonha e silva a cobra,
Trucila o tordo, grunhem muitos porcos,
Regougam as raposas, urram touros,
Ou muge a vacca rabiscando fenos.
Tal o concontento de harmonias melicas
Que pode inspirar 'nestas campinas
Ao pobre vate do bom verso amante.

Não assim 'nessas terras, 'nessas margens
Do Liz virentes, que inspiraram Lobos
Em tempos que passaram, e nos nossos
Bardo fizeram a um vulgar Cordeiro.

Ahi sim, senhor, pode o meu mestre
Bebendo á farta inspiração sublime
Das pombas no arrulhar, gemer de rollas,
Trinfar das andorinhas e dos cysnes
No tristonho arensar ser luso cysne,
Qual da *Douda d'Albano* o foi Cordeiro,
Ou doce prosador, terso e vernaculo,
Qual na *Côrte na aldeia* o fôra o Lobo.

Loucura é, portanto, o fazer versos,
Insania que só frisa a verdes annos
E não aos meus, já decadentes, idos.
E comtudo persisto renitente
Em escrever em verso esta missiva,
E não em prosa vil, que outra não tinha
Se 'nella o meu sentir expor quizesse,
Embora o verso seja mal batido
Na bigorna do engenho, e mal limado
Da lima de Bocage ou de Castilho.

E' que prosa escrever limpa e harmonica
Qual é a sua, meu illustre mestre,
A todos não é dado, e eu sou um desses.
Assim é que prefiro com mãos versos
Escrever-lhe de cá, da *Liberaltas*
Julia outr'ora de romanos cultos,
Hoje *Porcorum*, no dizer de muitos,
Não sei se com razão, ou se sem ella.
Talvez a tenham, que não ha Resendes,
Estaços e Farias e Barreiros
Na Athenas transtagana, como quando
'Nella viveram tão egregios vultos.

Apparent rari nantes 'neste pelago
 Força é dizel-o, d'ignorancia crassa:
 Não tem a quem recorram, a quem peçam
 Esses taes protecção, conselho, emenda
 A seus escriptos, como a mim succede,
 A mim, cujos trabalhos começavam
 A ter agora mais luzente brilho,
 Melhor orientação, emfim, mais prestimo,
 Dês que a douta lima do meu caro mestre
 Duras saliencias lhe tirava amiga,
 Depois de lhe inspirar mais fina essencia:
 Dês que seus livros, hodiernos, vinham
 Com frequencia trazer-me ensinamentos
 De ideias novas, nem de mim sonhadas,
 Quanto mais vistas nos rançosos classicos,
 Que o melhor de meus annos consumiram.

Aprendi na leitura desses livros
 Que o *nihil sub sole novum* é mentira.
 Ainda recordo mui risonhamente
 Aquelles vermes que, recém-casados,
 Deram que fallar a muita gente
 Ao elegerem por nupcial alcova
 A venta nauseabunda de um defunto!

E como cousas d'estas cento e cento,
 Da extincta humanidade não lembradas,
Todas novinhas, no papel e texto,
 Como diz Guerra Junqueiro das moçoilas
 Que ao bom de seu prior se offereciam
 Para elle folhear tal kalendario.

Apesar, pois, de livros me faltarem,
 Saberá, meu amigo, que ainda leio;
 Ainda cá vem parar um livro ou outro:
 As *Freiras de Lorrão* deliciaram-me,
 Como as mais obras deste sabio mestre.

No *Livro dos Braços*, Braamcamp Freire
Mostrou-se, ha pouco, um escriptor de pulso,
Formando logo, por concenso unanime,
A' frente dos demais 'naquelle assumpto.

Sobre Lessa do Bailio vi um livro
Mui singular tambem, feito no Porto,
Antes das Lavadigas lá entrarem,
Portanto, sem bubões e sem bacterias,
Que mui muito ensina a quem nada saiba
E muito pouco a quem souber um tanto.

De escripta não fallemos, só lampejos,
Só vascas de uma luz nos paroxismos,
Que sempre baça foi, como de vela
De pardo cebo lá na Hollanda feita.
Basta: para que mais? se eu vivo triste
'Nesta cidade sem o seu convivio,
Sem as suas lições, sem seu impulso!

Tudô o que é bom, diz o proloquio, acaba;
E tudo quanto é máo tambem eu digo
De mim, já semimorto em letras patrias.

Que eu morra pouco importa; não se apague
O astro e estro no meu caro mestre;
Que refulgindo por mui largos annos,
Onde quer que brilhar será proficuo
Aos famintos, como eu, de bons modelos!
Taes são meus votos, meu desejo ardente,
Dest'arte expresso sem engenho e arte.



No Rocio de apar São Braz. Setembro
De um anno antes de findar o seculo,
Que por seu successor terá ao vinte.

De Bonifaciano Tranca Ratos.

NOTA

Talvez a tenham que não ha Resendes

Carece de uma nota o periodo começado d'aquelle verso.

Promiscuamente com uma população de lavradores, teve a cidade de Evora uma grande vida litteraria e scientifica nos seculos XVI e XVII.

As Bibliothecas dos muitos conventos, a Universidade e as livrarias particulares derramavam fachos de luz sobre grande parte da população, ainda mesmo da que se não dava ao estudo.

Como em Coimbra, a influencia do meio devia actuar em todos, e não ser raro ouvir fallar bem e até com certos conhecimentos ainda as pessoas do povo.

Passou a Universidade, foram-se os frades, extinguiram-se as livrarias particulares e só ficou, dadiua de D. Frei Manoel do Cenaculo Villas Boas. uma rica Bibliotheca á cidade. Esta, porém, não é frequentada: dois outros rapazes ali vão ou ler romances ou ver estampas, admirar bonecos.

Homens, que estudam a serio alguma cousa, nenhuns ou pouquissimos, e não filhos da terra!

Triste é escrever isto, dizer esta verdade...

A Bibliotheca de Evora é uma *Btbliotheca de exportação* de suas riquezas para os de fóra da terra.

Tal ha ahi que nem sequer a viu ainda! Teem, comtudo seus habitantes os conhecimentos precisos para bem avaliar a montanheira e estar ao corrente dos preços dos generos. E fazem bem; que isto de letras é commercio improductivo. Dinheiro, só dinheiro dá saber, illustração, respeito e considerações publicas.

Bem disse aqui um dia, a mim e outros, Alexandre Herculano, que tinha muita pena de saber ler e escrever.

Talvez, tenham, pois, razão os que adjectivam Evora d'aquelle modo.

Regras não ha sem excepções.

